

Gurias e futebol: deslizamentos do gostar nas aulas de Educação Física

Niñas y fútbol: los deslizamientos del gustar en las clases de Educación Física

Karoline Hachler Ricardo
Elisandro Schultz Wittizorecki
Raquel da Silveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre-Brasil

Resumo

Este artigo coloca em questão a produção de ações de alunos/as do sexto ano de uma escola pública de Porto Alegre/RS, nas aulas de futebol da Educação Física, numa pesquisa-ação participante que intenciona desenvolver uma Educação Física sustentada por uma proposta pedagógica decolonial e intercultural. Operando com conceitos da Teoria Ator-Rede e entendendo que a ação de jogar futebol (e suas incertezas) envolvem associações de elementos heterogêneos, investigamos como os/as alunos/as comparecem nas aulas de futebol na Educação Física. Com base em informações de notas de campo, seguindo os/as alunos/as em ação, desenvolvemos dois cursores de associações, um deles colocando os/as alunos/as como intermediários/as e o outro como mediadores/as. Concluímos que comparecer nas aulas de futebol envolve performar justaposições e deslizamentos entre esses dois cursores.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Gênero; Teoria Ator-Rede.

Resumen

Este artículo cuestiona la producción de acciones de alumnos/as del sexto año de una escuela pública de Porto Alegre/RS, en las clases de fútbol de Educación Física, en una investigación-acción participante que tiene por reto desarrollar una Educación Física sostenida por una propuesta pedagógica decolonial e intercultural. Operando con conceptos de la Teoría Actor-Red y comprendiendo que la acción de jugar al fútbol (y sus incertidumbres) involucran asociaciones de elementos heterogéneos, investigamos cómo los/las alumnos/as asisten a las clases de fútbol en la Educación Física. Basándose en las informaciones de notas de campo, siguiendo los/las alumnos/as en acción, desarrollamos dos cursores de asociaciones, uno de ellos dejando los/las alumnos/as como intermediarios y el otro como mediadores/as. Concluimos que asistir a las clases de fútbol implica asumir yuxtaposiciones y deslizamientos entre esos dos cursores.

Palabras clave: Educación Física Escolar; Gênero; Teoría Actor-Red.

1. Introdução

Na primeira aula de uma pesquisa-ação participante¹ (LANETTE, 2022) com o sexto ano do ensino fundamental da Escola Estadual Abya Yala² que intenciona desenvolver uma Educação Física sustentada por uma proposta pedagógica decolonial e intercultural (WALSH, 2019), compreendendo as afetações decorrentes dessa experiência, antes mesmo dos/as alunos/as e professora se conhecerem, um grupo de meninos se aproximou da professora e perguntou: “sora, hoje vai ter futebol?”. A professora não teve tempo de responder nem que sim, tampouco que não, e algumas meninas que estavam próximas logo disseram: “ah não, sora, futebol não, a gente quer vôlei”. A professora respondeu: “gente, calma, vamos ter tempo para tudo isso, mas hoje não vai ter nem um, nem outro; primeiro vamos nos conhecer um pouquinho” (DIA 1 da pesquisa-ação, 23/02/2023). Para tanto, professora e alunos/as sentaram-se em círculo no pátio da escola, apresentaram-se e falaram, cada um/a, qual era a sua prática corporal preferida. A maioria dos meninos falou “futebol” e a maioria das meninas, “vôlei”. Outros/as alunos/as falaram “queimada” e “tubarão”. E apenas uma menina manifestou gostar de jogar futebol.

Com a intencionalidade de criação de vínculos entre turma e professora, uma das primeiras aulas do planejamento de Educação Física foi “aula livre”. Nessa aula, a turma se dividiu em quatro grupos: um grupo de meninas que ficou jogando vôlei em roda; um grupo de meninos que jogou futebol; outro grupo de meninos, que ficaram nos tatames, brincando de “lutinha”, pois, segundo um deles, “jogar futebol com aqueles meninos é chato porque eles se acham jogadores e não passam a bola” (DIA 7 da pesquisa-ação, 16/03/2023); outros/as meninos/as, por sua vez, ficaram sentados/as conversando no primeiro momento e, depois, resolveram brincar com pneus, montando um desafio.

A professora foi circulando em todos os grupos com a intenção de acessar algumas informações que os/as alunos/as pudessem manifestar enquanto brincavam e jogavam aquilo que era do seu desejo e interesse. Quando a professora passou no grupo das meninas que estavam jogando vôlei, perguntou se gostavam de alguma outra prática corporal e uma delas disse: “sim, sora, futebol”. E outra menina disse: “não, futebol não. Sora, a gente não sabe e não gosta de jogar futebol”. Mesmo assim, a professora questionou se elas tinham vontade de jogar futebol, mas todas disseram que não, inclusive a menina que manifestou que gostava de jogar futebol na primeira aula. Nesse momento, a professora perguntou: “e se eu jogasse junto?”. Pelo menos duas meninas disseram que sim, que jogariam se a professora jogasse

junto; já outras disseram que até jogariam futebol entre elas, mas que, se fosse junto com os meninos, não queriam. Uma delas falou: “sora, não dá para jogar futebol com eles, mesmo. A gente não gosta” (DIA 7 da pesquisa-ação, 16/03/2023).

Em quase todas as atividades realizadas nos primeiros meses de aula, os meninos e as meninas não queriam nem chegar perto uns/umas dos/as outros/as. Pareciam ímãs de mesma polaridade, que se repelem em qualquer tentativa de aproximação, o que deixava a professora angustiada: “como trabalhar o futebol sem segregar grupos?”. E “como produzir uma aula de futebol com o sexto ano do ensino fundamental de Abya Yala em que meninos e meninas pudessem (e quisessem) jogar juntos/as?” (DIA 23 da pesquisa-ação, 11/05/2023).

A professora relata ter percebido que o gênero teria agência fundamental na ação de jogar futebol dos/as alunos/as e, também, em como cada um/a compareceria nas aulas de futebol da Educação Física. Nesse âmbito, gênero está como um conceito plural em construção, uma constituição social do sexo em constante movimento, possibilitando a compreensão das formas heterogêneas que os corpos aparecem e/ou podem aparecer (GOELLNER, 2013), bem como a transitoriedade dos conceitos de masculinidades e feminilidades, que se transformam ao longo do tempo, permitindo o afastamento de ideias que pressupõem papéis e funções estritamente de homens e de mulheres (ALMEIDA, 2013).

No entanto, quando o tema futebol foi efetivamente iniciado nas aulas de Educação Física – no dia/aula 31 (13/06/2023) da pesquisa-ação participante –, percebemos que as relações de gênero não se manifestavam igualmente para todos/as alunos/as e, diferente do que a professora imaginava a partir do que foi vivenciado nas primeiras aulas, nem sempre atuava em conformidade com os pressupostos de uma cultura do machismo – conjunto de comportamentos, crenças e agências que promovem e justificam atitudes discriminatórias e de preconceito com relação às mulheres, tendo como base o princípio da superioridade dos homens, agindo de modo a produzir controle social numa cultura sexista (SILVA *et al.*, 2008) –, de forma a classificar que “meninos jogam futebol” e “meninas não jogam futebol”.

Ou seja, a ação de jogar futebol performava de diferentes modos entre os/as alunos/as, não sendo possível antecipar com alguma certeza que “todos os meninos gostavam e desejavam participar das aulas de futebol”, e que “todas as meninas não gostavam e, portanto, não desejavam, participar das aulas de futebol”, uma vez que, no decorrer das aulas, houve manifestações, vindas de meninas, como, “sora, até que a gente tá gostando de jogar futebol” (AULA 5 de futebol, 27/06/2023) e “sora, vamos jogar futebol todo mundo

junto hoje? Guris e gurias, pode ser?” (AULA 6 de futebol, 06/07/2023). Esses arranjos, portanto, não eram definitivos, eles variavam/transitavam de acordo com circunstâncias e associações heterogêneas de atores/atrizes (humanos e não-humanos).

Este texto procura rastrear as fontes dessas incertezas na ação de jogar futebol nas aulas de Educação Física com o sexto ano do ensino fundamental da Escola Estadual Abya Yala. Incertezas essas que, ao colocar à prova as relações de gênero e poder, questionando a cultura do machismo, provocam deslizamentos entre dois cursores (DEMESLAY, 2016; MYSKIW et al, 2021): “sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol” e “sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol”. Destacando que, relações de gênero e poder, neste estudo, referem-se aos processos pelos quais a diferença biológica é tomada para explicar os desequilíbrios – que são transitórios – entre homens e mulheres (corpos masculinos e corpos femininos), gestando, assim, formas de inclusão e de exclusão de pessoas e grupos (GOELLNER, 2013). Considerando poder como algo que não se localiza em instituições (dando ideia de fixidez), mas sim algo que possui mobilidade, que transita e circula porque se exerce em rede, possibilitando resistências (FOUCAULT, 2002).

3. Caminhos Teórico-Metodológicos

Pressupondo que a ação de jogar futebol não pertence somente aos/às alunos/as, uma vez que as capacidades necessárias para tal estão distribuídas em uma série de agências com as quais eles/elas conectam, trabalham e se relacionam (MYSKIW et al., 2021), o interesse com este estudo é o de investigar como os/as alunos/as, na experiência das aulas de futebol, comparecem nas aulas de futebol da Educação Física de uma pesquisa-ação participante.

O comparecer nas aulas de futebol da Educação Física é aqui compreendido como uma figura social a partir das ações dos/as atores/atrizes envolvidos/as nas diversas associações/relações, cuja compreensão se torna possível pelo entendimento das incertezas e deslizamentos de dois cursores (DEMESLAY, 2016; MYSKIW et al., 2021): “sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol” e “sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol”. Para tanto, partimos da compreensão de que os/as alunos/as, nas aulas de futebol, são atores/atrizes de relações heterogêneas possibilitadas por controvérsias, ou seja, momentos de prova que possibilitam observar as associações de interesses (LATOURETTE, 2012).

O importante não é afirmar quem atua sobre os/as alunos/as, mas passar de uma certeza – “sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol” –, para uma incerteza sobre essa afirmação (LATOURETTE, 2012), dizendo que existem agências capazes de fazer

questionar essa afirmação, abrindo a caixa preta que aqui compreendemos como sendo as relações de gênero e poder. E abrir a caixa preta está no sentido de questionar/colocar à prova: “Será que sempre as gurias, e no caso deste trabalho, as alunas nas aulas de Educação Física, não vão se sentir confortáveis para jogar futebol, recebendo tratamento diferente em razão do gênero? Será que as meninas não sabem e não gostam de jogar futebol? Será que ‘todos os meninos gostam e desejam participar das aulas de futebol’ e ‘todas as meninas não gostam e, portanto, não desejam, participar das aulas de futebol’ na Educação Física?”.

Para tanto, partimos de uma simetria entre alunas e alunos, o que nos permitiu ver e interpretar a ação dos/as mesmos/as nas aulas de futebol da Educação Física sem ter que polarizar essas posições (LATOIR, 2012). Ou seja, a noção de simetria está na contramão de uma relativização das relações de gênero e poder, possibilitando-nos, portanto, enfrentar as assimetrias produzidas nas e pelas relações entre os/as atores/atrizes na ação de jogar futebol, não como algo estabelecido a priori.

Para as reflexões e análises não partimos do pressuposto de que erros/incertezas na ação de jogar futebol das alunas contam/pesam mais (ou menos) do que erros/incertezas na ação de jogar futebol dos/as alunos/as nas aulas de Educação Física. Diferente disso, a intenção é a de mapear as fontes das incertezas, bem como rastrear as relações sociais, as agências e interesses que atuam e fazem existir tais ações e suas incertezas (MYSKIW et al, 2021), tendo como sul teórico-metodológico a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2012). Razão pela qual trata de um texto que se propõe a descrever as controvérsias ocorridas em torno das ações dos/as alunos/as nas aulas de futebol.

As descrições desses rastreios foram produzidas, sobretudo, a partir das experiências da primeira autora na pesquisa-ação participante com a turma do sexto ano da Escola Estadual Abya Yala, seguindo os/as alunos/as em ação, principalmente nas aulas de Educação Física, mas também em outros espaços e temporalidades da escola, tais como nos intervalos e nos momentos de entrada e saída de alunos/as da escola. Destacamos que a pesquisa-ação participante vem se preocupando com a agenda de uma proposta pedagógico-política decolonial e intercultural nas aulas de Educação Física e, dentro do conteúdo de futebol, entendemos que esse processo se deu na e a partir da problematização da noção de gênero, bem como da noção de como mulheres vivenciam essa experiência esportiva (o futebol) no espaço-tempo escolar, ambos marcados por processos de colonialidade.

Esse modo de investigação, pesquisa-ação participante, envolve, segundo Lanette (2022), o compromisso com a ação participativa, ou seja, a valorização dos diferentes saberes-fazer de quem compartilha a pesquisa. A ausência de envolvimento e/ou o envolvimento superficial com os modos de vivenciar “participação” e “agência”, bem como com o que eles implicam na prática para a coletividade envolvida, acaba negligenciando a importância de refletirmos sobre posicionamentos, privilégios, segurança cultural, dinâmica de poder, o que compreendemos como algo que não é dado, tampouco incorporado pelos/as atores/atrizes em relação. Portanto, podem deslocar-se com as (e a partir das) associações de atores-rede, conforme seus interesses/desejos (que não são fixos, e sim transitórios). Vivências essas que precisam estar próximas de quem é parte da pesquisa; neste caso, a comunidade escolar Abya Yala, especialmente os/as alunos/as do sexto ano.

Tal experiência foi registrada em Notas de Campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994) entre 13 de junho e 06 de julho de 2023. Semanalmente, o sexto ano tinha dois períodos de Educação Física, de cinquenta minutos cada. As aulas de futebol foram inspiradas na proposta de Balzano et al (2020) e aconteceram nesses períodos.

Totalizaram-se seis aulas de futebol realizadas, respectivamente, nos dias 31 (13/06/2023), 32 (15/06/2023), 33 (20/06/2023), 34 (22/06/2023), 35 (27/06/2023) e 38 (06/07/2023) da pesquisa-ação participante, mais uma manhã de “Roda de Conversa sobre Mulheres no Futebol e Jogos de Futebol” com uma árbitra central da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 19/06/2023. Manhã essa que teve, também, a participação das demais turmas dos anos finais do ensino fundamental (sétimo, oitavo e nono anos). Além das Notas de Campo produzidas pela primeira autora, foram utilizadas as produções dos/as alunos/as nos seus respectivos cadernos de Educação Física, material produzido por eles/elas em que manifestavam (por escrito e/ou por desenhos) suas percepções, sentimentos, aprendizagens das (e durante as) aulas de Educação Física.

As análises do material empírico foram realizadas a partir dos dois cursões – “sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol” e “sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol” – que passamos a descrever com ênfase na experiência da primeira autora na pesquisa-ação participante.

3. “Sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol”

Esta seção trata do movimento em torno do transporte, pelos/as alunos/as em ação, das relações de gênero e poder como caixas pretas. Transporte esse que leva a cabo a

sobreposição de interesses das relações de gênero e poder e, portanto, de como isso opera em relação aos interesses e desejos dos/as alunos/as nas aulas de futebol na Educação Física, no que se refere a espaços, tempos, número de alunos/as que participaram das aulas e como se envolveram e compareceram na Educação Física, especialmente sobre o disciplinamento dos corpos nas interações.

Compreendemos que o transporte das relações de gênero e poder, aproximando-se do cursor “Sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol”, era fortalecido pela agência de associações de interesses entre atores/atrizes, que estabelecemos como: “Jogar futebol requer condições adequadas aos desejos das meninas”, “A voz dos colegas meninos nas aulas de Educação Física” e “A ação da equipe diretiva”.

A professora, ao longo das aulas de futebol, percebeu o desinvestimento da escola – especialmente com relação aos espaços, tempos e materiais para as aulas de Educação Física – como um elemento que desestimulava as meninas na ação de jogar futebol. Entendemos, nesse sentido, que “Jogar futebol requer condições adequadas aos desejos das meninas”. Isso porque as meninas, principalmente nas primeiras aulas de futebol, não demonstravam interesse pela prática e, dependendo do espaço onde eram realizadas as aulas, bem como dos materiais utilizados e dos tempos e tipos de determinadas atividades, se interessavam mais (ou menos) em jogar futebol.

Na escola só havia uma bola de futebol, e ela estava furada. Quando a professora conversou com os/as alunos/as sobre o início das aulas de futebol, uma aluna falou: “sora, só tem uma bola de futebol, a gente não precisa jogar” (AULA 1 de futebol, 13/06/2023). Recordando a disposição dos grupos formados na “aula livre” e o que cada um deles estava praticando, a professora compreendeu que a existência de apenas uma bola de futebol exercia uma agência nos/as alunos/as que afastava as meninas de querer jogar futebol. E isso foi ficando mais evidente depois que a professora deu uma bola de futebol para a turma, combinando com os/as alunos/as que a turma precisaria se organizar nos intervalos de forma que todos/as pudessem ter acesso à bola e pudessem brincar com ela em pelo menos um intervalo da semana. Tal arranjo foi bastante complicado, visto que em quase todos os momentos em que as meninas viam a professora, elas falavam que os meninos eram os únicos que ficavam com a bola no intervalo e que elas, ainda que quisessem jogar futebol junto, não eram acolhidas por eles. Além disso, as meninas também já haviam proposto que todos/as

Gurias e futebol: deslizamentos do gostar nas aulas de Educação Física

brincassem juntos com a bola, com algum jogo que não fosse o futebol, mas os meninos não aceitaram.

Da mesma forma, a presença/ausência de coletes nas aulas de Educação Física, interferia bastante em como os/as alunos/as compareciam nas aulas de futebol. A ação de jogar futebol era mais organizada quando os coletes eram utilizados. E isso se apresentava de forma semelhante nos jogos dos meninos e nos jogos das meninas. No entanto, percebemos que a ausência de coletes interferia mais nos jogos das meninas.

Quando os coletes estavam sendo utilizados por outro/a professor/a de Educação Física, e a professora tentava realizar os jogos sem eles, os meninos jogavam e pareciam se divertir, mantendo um ritmo de jogo não muito diferente daquele quando utilizavam os coletes, porém as meninas pareciam se atrapalhar mais. Inclusive, elas faziam reclamações como: “bah, sora, se com colete já é difícil, sem colete fica impossível; a gente se atrapalha para identificar para quem tem que jogar a bola” (AULA 5 de futebol, 27/06/2023).

Percebemos os coletes, nesse sentido, como elementos “não-humanos” importantes na ação de jogar futebol, especialmente para as meninas, que além de reclamarem verbalmente em função da não utilização de coletes, apresentavam desânimo visível para jogar em razão da dificuldade de identificação das jogadoras em quadra, desacelerando o ritmo de jogo, aumentando os números de erros e evidenciando algumas inabilidades das meninas com a bola no pé, logo, tornando a ação de jogar futebol menos atrativa.

Notamos que essas situações aproximavam as meninas do cursor “Sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol”, em que tanto elas (alunas) quanto eles (alunos) aparecem como transportadores/as da caixa preta relações de gênero e poder, em uma direção que vai compreendendo as mulheres a partir das crenças sustentadas pelo mito do sexo frágil (MOURÃO, 2003), que foram cenário para a limitação/restrrição de mulheres em determinadas práticas corporais com o discurso da fragilidade feminina, da proteção à maternidade e da inaptidão física (ALMEIDA, 2013). Discurso esse que ainda segue surtindo efeito e tendo agência em muitos espaços, tempos e pessoas.

Outro elemento importante que atuava regulando o comportamento das meninas, que relatavam com frequência não se sentirem confortáveis para jogar futebol na presença dos meninos, era “A voz dos colegas meninos nas aulas de Educação Física”. E a voz, aqui, representa não só as falas (manifestações verbais) de muitos meninos nas aulas de Educação

Física, mas também alguns comportamentos, gestos e olhares que nem precisavam ser relatados pelas meninas, pois eram percebidos e sentidos pela professora.

Na primeira aula de futebol, a professora tinha planejado a brincadeira “jogo da velha humano de futebol”, que, para ser jogado, demanda que dois grupos de alunos/as corram até um jogo da velha desenhado no chão, conduzindo a bola. Uma vez que a atividade deveria ser realizada com a turma inteira (meninos e meninas juntos/as), uma menina pediu para ficar de fora: “sora, eu não quero participar dessa brincadeira, porque com os meninos olhando eu tenho vergonha” (AULA 1 de futebol, 13/06/2023). Ao final, quando a turma foi convidada para escrever nos seus cadernos de Educação Física, algumas meninas escreveram: “Eu não jogo futebol, mas é bem divertido. Eu tenho vergonha de jogar com os guris me olhando” e “Gostei muito. Se não tivesse os meninos olhando nós jogarmos seria mais legal” (AULA 1 de futebol, 13/06/2023).

Manifestação semelhante aconteceu na manhã da Roda de Conversa. Enquanto a árbitra central (convidada para partilhar suas experiências no futebol e para apitar jogos de futebol para os anos finais do ensino fundamental) organizava os times para as partidas de futebol, uma menina que não estava se sentindo confortável falou: “não sei se quero jogar, mesmo que sejam jogos só de gurias, porque eu nunca joguei futebol com tantos guris me olhando” (MANHÃ COM A ÁRBITRA, 19/06/2023).

Notamos que muitas meninas, mesmo com algum interesse pela prática de futebol, preferiam ficar de fora das propostas de atividades a se divertir, em razão da presença dos meninos no mesmo espaço. Esses desconfortos manifestados pelas meninas eram mais evidentes quando os meninos falavam: “sora, não vai ser todo mundo junto hoje né? É que com as gurias o jogo fica mais fraco” (AULA 3 de futebol, 20/06/2023).

Era notável que eles as intimidavam, tanto verbalmente quanto em atitudes e comportamentos repressivos e excludentes, à exemplo de não as escolher para seus times, não passarem a bola para elas quando eram dos mesmos times, bem como rir e debochar delas se não acertavam algum lance. Inclusive, uma menina manifestou o seguinte no seu caderno de Educação Física: “Eu não gosto de jogar futebol com os meninos porque quando alguma menina não sabe jogar ou erra alguma coisa no jogo, eles falam que nós somos ruins, que não sabemos jogar, etc. Isso acaba deixando as meninas com insegurança de jogar com eles” (AULA 4 de futebol, 22/06/2023).

Gurias e futebol: deslizamentos do gostar nas aulas de Educação Física

Essas falas e manifestações nos possibilitaram compreender, partilhando do entendimento de Scott (1995) sobre o aspecto relacional assumido na perspectiva dos estudos contemporâneos de gênero, que não se trata de assumir a clássica oposição binária entre homens e mulheres, mas de levar em conta que as masculinidades e as feminilidades precisam umas das outras para serem compreendidas (SCOTT, 1995). Ou seja, nesse caso do desconforto das meninas em jogar futebol junto com os meninos, percebemos que a relação entre feminilidades e masculinidades está marcada por uma supremacia destas sobre aquelas (ALMEIDA, 2013), manifestada pela estudante quando relata não gostar de jogar futebol com os meninos porque não se sente segura para errar na frente deles. Relato que é fortalecido pela manifestação trazida no início deste trabalho, vinda de um menino, quando diz não gostar de jogar futebol com determinados meninos que “se acham jogadores e não passam a bola” (DIA 7 da pesquisa-ação, 16/03/2023).

Nas duas situações – jogo da velha humano e partilha com a árbitra de futebol –, a professora, percebendo o desconforto das meninas, tentou reestruturar a organização das atividades para que elas se sentissem mais à vontade e não desistissem de participar em razão da presença dos meninos. No entanto, apenas no jogo da velha isso foi possível: a professora sugeriu a separação da turma em dois grupos, de meninos e meninas, evitando que os meninos assistissem às meninas realizando a tarefa. Mas, como tinha apenas uma bola, e tratava de uma brincadeira, a turma aceitou realizar a atividade todos/as juntos/as.

Já no dia dos jogos com a árbitra central, a tentativa da professora de realizar primeiro os jogos dos meninos (com as meninas assistindo, já que eles não se importaram de elas ficarem na quadra) e depois os jogos das meninas (sem os meninos estarem presentes na quadra) foi vetada pela direção quando o vice-diretor foi ao ginásio e disse: “professora, ou é todo mundo dentro do ginásio, ou é todo mundo nas salas tendo aula; assim com os guris no pátio não vai dar, porque não tem quem cuide deles ali fora” (MANHÃ COM A ÁRBITRA, 19/06/2023). Entendemos que essa decisão da equipe diretiva, ao condicionar a continuidade dos jogos à presença de todas as pessoas no mesmo espaço, retirou das meninas aquilo que lhes deixava seguras de participar das partidas de futebol, tornando aquele momento não tão atrativo quanto o que inicialmente tinha sido pactuado.

Ao refletirmos sobre esse acontecimento, e fazendo uma retrospectiva do processo de organização da manhã de “Roda de Conversa sobre Mulheres no Futebol e Jogos de Futebol” – em que a diretora permitiu a realização da programação, mas deixou clara a sua

posição desfavorável em relação ao futebol de mulheres a partir da fala: “ah, nada a ver isso, acho um horror mulheres jogando; narrando jogo de futebol, então, nada a ver, fica horrível, eu nem escuto” (DIA 28 da pesquisa-ação, 30/05/2023) –, percebemos “A ação da equipe diretiva” como outro elemento importante que aproximava a ação dos/as alunos/as do cursor “sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol”.

Compreendemos que manifestações como essa – “acho um horror mulheres jogando” – e outras verbalizadas durante a negociação entre professora e equipe diretiva, à exemplo de “tu faz isso, mas eu continuo não concordando, porque nada a ver mulheres jogando, é feio mesmo” (DIA 28 da pesquisa-ação, 30/05/2023) fortalecem um entendimento de práticas esportivas a partir de lugares que deveriam ou não ser ocupados por determinado gênero (LOURO, 2018). Esse entendimento é justificado pelas expectativas culturais de gênero (ADICHIE, 2008) que, nas falas da equipe diretiva, colocam o futebol como um lugar inadequado para as mulheres (alunas), uma vez que não seria uma prática que se espera delas, nem para elas.

Nas aulas de Educação Física, percebemos que o peso das expectativas culturais de gênero sobre os/as alunos/as, aqui representado pelas ações da equipe diretiva, ao marcarem em certa medida o controle dos sentimentos, a expressão corporal, as habilidades e os modelos cognitivos dos/as alunos/as, produziam desconfortos nos/as atores/atrizes da pesquisa na ação de jogar futebol (PEREIRA, 2019). Nessa perspectiva, compreendemos que essas práticas e discursos – atreladas às expectativas culturais da nossa sociedade em relação ao gênero –, ao tornarem-se uma forma de constituir masculinidades e feminilidades (PEREIRA, 2019), deslocavam a ação de jogar futebol dos/as alunos/as, especialmente das meninas, em direção ao cursor “Sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol”, uma vez que estão na contramão da tentativa coletiva (entre alunas e professora) de produzir/criar um ambiente confortável e seguro ao comparecimento das meninas nas aulas de futebol.

4. “Sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol”

Nesta seção, na contramão da anterior, em que procuramos identificar e mostrar elementos que possibilitavam aos/às alunos/as transportar as relações de gênero e poder nas suas ações (como intermediários/as entre o conceito de gênero e as aulas de futebol na Educação Física), destacamos outro curso de ações, quando o jogar futebol revela uma translação (LATOUR, 2000).

Gurias e futebol: deslizamentos do gostar nas aulas de Educação Física

Para Latour (2000), transladar significa, também, oferecer outras/novas interpretações dos desejos e interesses dos/as atores/atrizes, capturando-os/as para direções diferentes, num movimento/deslizamento de um lugar/cursor para outro. Isso implica uma cadeia de traduções simétricas que pode envolver diferentes necessidades. Nessa situação, os/as alunos/as como atores/atrizes-mediadores/as, ao transportarem as relações de gênero e poder para as aulas de futebol da Educação Física, conectam uma série de elementos heterogêneos com agências, por vezes aliando pessoas que se movem na mesma direção, outras lidando com pessoas com agências e interesses fortes, direcionados a outros desejos para além daqueles postulados nas relações de gênero e poder sustentadas pela cultura do machismo, sendo impedidos/as de desviar deles.

Não raramente, nessa perspectiva de transladar, os/as alunos/as precisavam se aliar a outros interesses, operando desvios e bloqueios, remanejando ações, passando pela posição dos/as aliados/as e ajudando-os/as, possibilitando aproximarem-se do cursor “a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol” (MYSKIW *et al.*, 2021).

Entendemos que o movimento de translação dos/as alunos/as, na ação de jogar futebol, aproximando-se do cursor “Sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol”, foi possibilitado, especialmente, pela agência das seguintes associações de interesses entre atores/atrizes, que estabelecemos como: “Jogar brincando faz a gente (gurias) gostar mais do futebol”; “O empoderamento das e entre as meninas fortalece a autoestima e autoconfiança das alunas”; “Projetos com protagonismo das mulheres incentiva o desejo das alunas a se envolverem nas aulas de futebol”.

Em várias situações das aulas, apesar de a maioria das meninas manifestarem com mais frequência não gostar das aulas de futebol e, portanto, querer jogar vôlei, suas atitudes, gestos, comportamentos não acompanhavam essas manifestações (verbais e escritas). Em muitas brincadeiras, a professora percebeu as meninas sorrindo, se divertindo, parecendo gostar daquilo que estavam fazendo. Na segunda aula de futebol, por exemplo, quando a turma estava brincando de “chute ao alvo”, que consistia em cada aluno/a tentar acertar o alvo, chutando a bola que estava parada, uma menina falou: “assim futebol até que fica legal” (AULA 2 de futebol, 15/06/2023). E na quinta aula, enquanto estavam jogando “futebol humano”, que consistia em dois times que tinham o objetivo de colocar o maior número de pessoas dentro da goleira e evitar que o outro time conseguisse colocar pessoas dentro da sua goleira, a professora escutou a voz de uma menina falando: “jogar brincando é mais

divertido”. Ao final dessa aula, a mesma menina disse: “sora, jogar brincando faz a gente gostar mais do futebol” (AULA 5 de futebol, 27/06/2023).

Nesses momentos de descontração, as relações de gênero e poder tinham suas capacidades de agência enfraquecidas para que a brincadeira seguisse com diversão. E isso era possibilitado não só pelas meninas, ao comparecerem com envolvimento e vontade de realizar as atividades – inclusive “desapegando” de possíveis desencorajamentos vindos de alguns meninos –, mas também pelos meninos, ao agirem não deslegitimando as formas de jogar futebol das meninas, nem as coagindo a deixar de participar das brincadeiras, porque por um ou outro motivo, também se divertiam com o andamento de uma aula que tinha mais presenças do que ausências. Um menino, enquanto esperava a vez do seu time jogar o “futebol humano” falou: “sora, hoje parece que tá mais divertido né? Com as gurias jogando junto tá mais legal; tem bastante gente e o jogo rola mais” (AULA 5 de futebol, 27/06/2023).

Nesta situação, percebemos os meninos aliando-se com as meninas para promover seus próprios interesses, que eram o de jogar futebol; mas, agora, remanejando-os em parte, transferindo o desejo inicial que consistia em jogar um futebol que chamavam de “mais sério”, ou seja, com objetivo de competição, passando a aceitar e querer jogar futebol com a finalidade de diversão e com bastante gente participando e se envolvendo nesta ação. Para tanto, precisaram compreender que xingamentos, julgamentos e deboches deveriam ser substituídos por acolhimento e encorajamento, pois as meninas não estariam dispostas a continuar em quadra em uma posição desconfortável. A permanência e estabilidade da ação de jogar futebol com mais presenças do que ausências, nessa perspectiva, estava garantida enquanto meninos e meninas mantinham seus interesses aliados, ainda que remanejados em prol de um desejo momentaneamente compartilhado.

Estes são alguns exemplos, dos muitos observados e vivenciados nas aulas de futebol, que nos possibilitam afirmar que em várias situações e momentos, a voz dos pressupostos do machismo, reforçada pelas agências locais, se enfraquecia ou mesmo era sobreposta por outras vozes. Cada vez que os/as alunos/as se preocupavam mais em se divertir, eles/elas trabalhavam com conexões não vinculadas às vozes dos pressupostos do machismo, que lhes eram seguras o bastante para jogar futebol. Mas que agências (humanas e não-humanas) são essas que permitiam aos/às alunos/as agir fora de uma lógica/comportamento/ação atravessada pelos pressupostos machistas?

Gurias e futebol: deslizamentos do gostar nas aulas de Educação Física

Compreendemos que, além do “jogar brincando”, o “empoderamento das e entre as meninas” agia significativamente na ação de jogar futebol dos/as alunos/as. Na terceira aula de futebol, enquanto estavam sendo realizados mini jogos de futebol, com a turma separada em meninos e meninas, uma menina aproximou-se da professora e falou: “sora, assim jogando só com as meninas eu me sinto melhor” (AULA 3 de futebol, 20/06/2023). Foi a mesma menina que escreveu no caderno de Educação Física que não sabia exatamente o motivo, mas que não gostava de jogar futebol com os meninos.

Retomando uma das escritas no caderno de Educação Física, em que uma aluna escreve sobre a atitude de muitos meninos deixar as meninas inseguras, momento que manifesta não gostar de jogar futebol com eles “porque quando alguma menina não sabe jogar ou erra alguma coisa no jogo, eles falam que nós somos ruins, que não sabemos jogar, etc” (AULA 4 de futebol, 22/06/2023), compreendemos um dos motivos pelos quais as meninas preferiam jogar futebol entre elas apenas. Ademais, percebemos que nas aulas realizadas com separação entre os gêneros, as meninas tinham mais interesse em participar e permitiam-se arriscar mais com menos preocupação em relação aos erros. Entre elas, sentiam-se mais seguras e empoderadas, comparecendo com mais desejo de jogar futebol.

Entendemos, assim, “O empoderamento das e entre as meninas fortalece a autoestima e autoconfiança das alunas” como agência importante que deslocava os/as atores/atrizes para o cursor “Sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol”, possibilitando aos/às alunos/as agir fora de uma lógica/ação atravessada pelos pressupostos machistas, quando movimentava o pensamento e sentimento das meninas para: “meninas jogam e sabem jogar futebol”. Outra agência que atuava significativamente na ação de jogar futebol dos/as alunos/as foi o que compreendemos por “Projetos com protagonismo das mulheres incentiva o desejo das alunas para se envolverem nas aulas de futebol”.

No decorrer das aulas de futebol, a professora, junto com os/as alunos/as, organizou uma “Roda de Conversa sobre Mulheres no Futebol e Jogos de Futebol” com uma árbitra central da FGF e CBF. Antes disso, também foi organizado, pela professora e pela turma, o projeto “Álbum de figurinhas coletivo/compartilhado: Copa do Mundo de Futebol das Mulheres 2023”, que consistia na produção do álbum de figurinhas da Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino de 2023, de forma coletiva e compartilhada por toda a Escola Abya Yala; um de seus objetivos era o de proporcionar debates sobre “mulheres no futebol”, e “mulheres em qualquer outro espaço/lugar hegemonicamente ocupado por homens”.

Algumas meninas do sexto ano conversaram com a professora para divulgar os cartazes produzidos sobre a roda de conversa nas outras turmas dos anos finais do ensino fundamental. Quando um menino pediu para ir junto realizar a divulgação do evento, uma delas disse: “até pode ir, mas quem vai falar é a gente. É mulheres no futebol e não homens, e tudo que envolve futebol é sempre vocês na frente, agora é a nossa vez” (AULA 30 da pesquisa-ação, 06/06/2023). Na aula seguinte, as meninas pareciam estar mais animadas e, quando a professora chegou, um grupo delas falou: “sora, hoje é futebol? A gente já colou os cartazes em todas as turmas” (AULA 1 de futebol, 13/06/2023). Na aula posterior à Roda de Conversa, as meninas não reclamaram e pareciam estar animadas jogando futebol, tanto que uma delas falou: “sora, tu viu como eu tô jogando bem melhor já?”. E outra menina disse: “jogar futebol não tá mais chato” (AULA 3 de futebol, 20/06/2023).

No dia do evento com a árbitra convidada e nas aulas seguintes, percebemos mais meninas interessadas em jogar futebol. Parecia que jogar futebol tinha se tornado mais atrativo para as meninas depois da realização do evento com protagonismo delas na organização, bem como do projeto do álbum da copa do mundo de futebol das mulheres. Inclusive, uma menina falou para a professora: “sora, depois da Roda de Conversa com a árbitra, jogar futebol ficou melhor”. E a amiga, que estava do lado, complementou: “é, ficou melhor mesmo, pra mim porque tô me sentindo mais confiante” (AULA 4 de futebol, 22/06/2023). A confiança, contudo, não tem a ver com um atributo pessoal; ela é uma performance do/a ator/atriz que, ao se sentir seguro/a para jogar uma partida, comparece com mais desejo em participar das aulas de futebol na Educação Física (LATOIR, 2012).

Conversando com as meninas, a professora compreendeu que elas estavam mais animadas porque estavam se sentindo protagonistas e tendo papéis decisivos nas aulas, deixando-as mais confiantes, tanto que uma menina falou: “quando a gente decide os times, parece que somos também importantes, aí dá mais vontade de jogar futebol” (AULA 6 de futebol, 06/07/2023). Compreendemos, nesse sentido, que circunstâncias como as relatadas nesta seção faziam os/as atores/atrizes deslizar de “sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol” para “sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol”.

5. Considerações Transitórias

Em uma perspectiva de pesquisa-ação participante, este trabalho procurou compreender as incertezas nas ações de jogar futebol dos/as alunos/as do sexto ano do ensino fundamental da Escola Estadual Abya Yala nas aulas de futebol da Educação Física.

Desenvolvemos o estudo na relação com a Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012), partindo do entendimento de que os/as alunos/as são atores/atrizes de relações heterogêneas, que procuramos analisar por meio de duas seções descritivas proporcionadas por controvérsias (momentos de prova que possibilitaram observar as associações de interesses).

Concentramos, neste estudo, o esforço de não polarizar as posições, de modo a não acreditar que a cultura do machismo exerce poder total na relação dos/as e entre o/as alunos/as, tampouco crer no relativismo total. Ou seja, sem opor-se àqueles/as que entendem que “meninos jogam futebol” e “meninas não jogam futebol” e sem ir contra àqueles/as que entendem que as relações de gênero e poder não atuam de modo a deslegitimar e coagir as meninas na ação de jogar futebol. Na contramão dessa polarização, nas duas seções para análise e discussão do estudo pudemos sustentar que jogar futebol nas aulas de Educação Física diz respeito ao que Myskiw *et al.* (2021, p. 420) chama de “controle deslizante” com os quais os/as alunos/as se relacionam.

Nesses deslizamentos, os/as alunos/as (atores/atrizes) mobilizam, justapõem e mantêm unidos elementos heterogêneos, evitando que eles tomem rumos próprios a ponto de não conseguirem realizar as propostas das aulas de futebol. Assim, compreendemos que a ação de jogar futebol performa uma possibilidade de, situacionalmente, pôr fim a uma diversidade de interesses na escola, especialmente nas aulas de futebol, o que ocorre nos deslizamentos entre os cursores “sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol” e “sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol”.

Numa das direções, jogar futebol coloca os/as alunos/as como intermediários/as das relações de gênero e poder sustentadas pela cultura do machismo dentro da escola nas aulas de Educação Física durante uma pesquisa-ação participante que tinha a intenção de propor uma Educação Física sustentada por uma proposta pedagógica decolonial e intercultural. Isso é possibilitado pela associação de desinvestimento da escola com relação aos espaços, tempos e materiais para a Educação Física, deboches, desprezo e coação de muitos meninos que deslegitimavam o futebol das meninas e desinteresse (e algumas vezes não concordância) da equipe diretiva com relação à atuação de mulheres no futebol.

Nesse sentido do cursor, compreendemos que a condição de aluno/a-intermediário/a que comparece nas aulas de Educação Física com as relações de gênero e poder como uma caixa preta (que é aquela que funciona independentemente do espaço e do tempo) exige um

conjunto de associações de interesses e elementos de formação e de proteção de quem joga futebol, nesse caso, especialmente as meninas.

Em razão disso, compreendemos que a professora deu mais atenção para as meninas do que para os meninos. Também notamos que as meninas se empoderaram, se sentiram confiantes para jogar, inclusive, junto com os meninos. Mas, ao jogarem, mesmo mais empoderadas, havia momentos em que se sentiam constrangidas pelos meninos. Assim, entendemos que o empoderamento das meninas não foi, neste caso, suficiente. Seria preciso e, mais do que isso, seria indispensável uma mudança na atitude dos meninos, pois embora as meninas estivessem encorajadas e desejosas para jogar futebol junto com os meninos, eles só agiam de forma respeitosa, acolhedora, não debochada e não agressiva quando os seus interesses estavam na direção de jogar futebol pela brincadeira e diversão.

Nessa experiência, a professora priorizou o encorajamento das meninas nas aulas de futebol, incentivando-as por meio de propostas diversas que pudessem possibilitar que elas experienciassem o futebol de diferentes maneiras e comparecessem nessa prática também com os seus desejos. Compreendemos que seriam necessárias mais aulas de futebol para que a professora conseguisse dar atenção aos comportamentos não acolhedores e desrespeitosos de muitos meninos nas aulas. Destacamos que nem todos os meninos tinham essas atitudes; muitos, inclusive, sequer se identificavam com o futebol. Assim como nem todas as meninas, apesar de ser a grande maioria, detestava jogar futebol. Todos esses arranjos não eram definitivos, eles transitavam dependendo das circunstâncias.

Destacamos, portanto, que havia sempre incertezas nas ações dos/as alunos/as. O mesmo aluno, por exemplo, que em um momento de jogo falou que estava bom jogar com as meninas, logo na sequência dessa fala agiu de modo não compatível a essa manifestação, gritando e ficando bravo com um erro de uma menina, mas não tendo esse comportamento quando o mesmo erro veio de um menino que também estava jogando no seu time, seguindo o jogo como se nada tivesse acontecido.

Já em outra direção, entendemos que jogar futebol envolve colocar na ação (na posição de ator/atriz-rede) outro conjunto de interesses, elementos e agências (MYSKIW *et al.*, 2021), à exemplo do futebol como uma brincadeira e dos projetos organizados com protagonismo das meninas, que se manifestam quando os arranjos do primeiro cursor estão menos presentes ou mais fragilizados, neste caso, quando a voz dos meninos não deslegitimava o futebol das meninas, quando os meninos se aliavam às meninas com o

interesse de jogar futebol como diversão e com mais pessoas, bem como quando as meninas protagonizavam decisões e se sentiam confiantes.

Concluimos que a ação de jogar futebol na pesquisa-ação participante com os/as alunos/as do sexto ano do ensino fundamental da Escola Abya Yala envolve deslizar entre essas direções que implicam diferentes arranjos dos/as atores/atrizes – “sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol” e “sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol” –, relacionando-se com eles como componentes necessários que possibilitam sentir, agir e comparecer nas aulas de futebol da Educação Física, sem ter que polarizar essas posições. Isto é, os/as alunos/as associam elementos que lhes possibilitam agir com alguma segurança, confiança e estabilidade. Afinal, os/as atores/atrizes e suas ações devem ser tomados/as como um ponto de chegada de uma grande quantidade de agências que se relacionam e circulam ao seu redor (LATOURE, 2012).

Assim, os pontos apresentados dizem sobre a particularidade de uma experiência de aulas de futebol na Educação Física com o sexto ano do ensino fundamental da Escola Abya Yala. Ao mesmo tempo, também compreendemos que essa experiência, além de possibilitar uma diversidade de modos de se vivenciar a prática, muitas das circunstâncias descritas a respeito das ações dos/as alunos na ação de jogar futebol e de como compareciam nas aulas de futebol da Educação Física podem ser estudadas em outras turmas e/ou escolas, no sentido de compreender as incertezas e deslizamentos entre “sora, a gente (gurias) não sabe e não gosta de jogar futebol” e “sora, até que a gente (gurias) tá gostando de jogar futebol” em outras temporalidades e espaços, sem precisar polarizar ambas as posições.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. Mulheres no esporte: feminilidades em jogo. In: DORNELLES, Priscila Gomes et al. **Educação Física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2013. p. 241-265.
- BALZANO, Otávio Nogueira et al. Uma proposta “outra” para o ensino do futebol na educação física. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo, v. 12, n. 50, p. 614-623, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1033>. Acesso em: 27 set. 2023.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

DEMESLAY, Julie. Harmoniser la lutte antidopage: quelques critiques d'une gouvernance mondiale. **L'Homme & la Société**, Gif-sur-Yvette, v. 199, n. 1, p. 145-158, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, Priscila Gomes et al. **Educação Física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2013. p. 23-44.

LANETTE, Caroline. **Participatory Action Research as a decolonial method**. Site Refugee Hosts, jun. 2022. Disponível em: <https://refugeehosts.org/2022/06/23/participatory-action-research-as-a-decolonial-method/>. Acesso em: 26 set. 2023.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade a fora**. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MOURÃO, Ludmila. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMÕES, A. C. (org.). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo: Manole, 2003. p. 123-153.

MYSKIW, Mauro et al. Não Adianta “Só Saber as Regras”, tem que Saber “Levar o Jogo” até o Final: Notas Etnográficas sobre a Arbitragem de Futebol num Circuito de Lazer de Porto Alegre. **LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer**, v. 24, n. 3, p. 379-423, set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.36332>. Acesso em: 23 set. 2023.

PEREIRA, Artur Oriel. “Ela só quer jogar o futebol dela”: quando meninas brincam e tensionam a supremacia masculina e as expectativas de gênero juntos aos meninos no espaço da escola. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 8, n. 3, p. 33-47, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/re.v8i3.27197>. Acesso em: 10 out. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 27 set. 2023.

SILVA, Paula; GOMES, Maria Paula Brandão Botelho; GOELLNER, Silvana Vilodre. As relações de gênero no espaço da educação física: a percepção de alunos e alunas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 8, n. 3, p. 396-405, set./dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5628/rpcd.08.03.396>. Acesso em: 10 out. 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e Decolonialidade do Poder: um Pensamento e Posicionamento “Outro” A Partir Da Diferença Colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, Pelotas, v. 5, n. 1, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 26 set. 2023.

Notas

1 As informações deste estudo compõem o trabalho de mestrado (aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Científica) que está sendo realizado pela primeira autora e orientado pelo segundo autor, com previsão de saída de campo em dezembro/2023.

2 Nome fictício para preservar a identidade da escola.

Sobre os/as autores/as

Karoline Hachler Ricardo

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS.

E-mail: karolinehachler@gmail.com ORCID: 0000-0002-3829-3246.

Elisandro Schultz Wittizorecki

Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS.

E-mail: elisandro.wittizorecki@ufrgs.br ORCID: 0000-0001-7825-0358.

Raquel da Silveira

Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS.

E-mail: raqufrgs@gmail.com ORCID: 0000-0001-8632-0731.

Recebido em: 08/11/2023

Aceito para publicação em: 14/12/2023